METALINGUAGEM E CONSTRUÇÃO DO ETHOS DO PROFISSIONAL AMADOR (PRO-AM) NO YOUTUBE

METALANGUAGE AND THE CONSTRUCTION OF THE PROFESSIONAL AMATEUR (PRO-AM) ETHOS ON YOUTUBE

CAMILLE GUICHARD-LIBERSAC
Doutoranda em Linguística em cotutela no Laboratório IKER (UMR 5478) – Université Bordeaux Montaigne (UBM), França e no Programa de Filologia e Língua Portuguesa (FLP) – FFLCH, Universidade de São Paulo (USP), Brasil.
N° ORCID : https://orcid.org/0000-0003-1507-5892
LATTES : http://lattes.cnpq.br/8999096259520209
Email: camille.libersac@gmail.com

Resumo: *Para explorar a relação do sujeito com a virtualização, o objetivo será observar, por meio de vídeos de divulgação científica postados no Youtube, exemplos da construção do ethos de dois youtubers franceses que se posicionam como "profissionais-amadores". Após definir a categoria desse tipo de conteúdo e seu impacto sobre o corpo do público, a análise do corpus se concentrará na identidade discursiva e social dos dois protagonistas. O cruzamento dos elementos discursivos e metalinguísticos envolvidos na construção de um ethos de confiabilidade específico do rigor científico (profissional), ao mesmo tempo em que destaca a possibilidade de conhecimento incompleto (amador), revelará as estratégias de impacto de cada um deles sobre o público. Consequentemente, será possível questionar a eficiência dessas estratégias e os possíveis efeitos no corpo do sujeito em sua relação com o conhecimento que ele pode acessar no YouTube por meio de vídeos de divulgação científica.*

Palavras-chaves: *Divulgação científica. Identidade discursiva. Identidade social. Virtualização.*

Abstract: *In order to explore the subject's relationship with virtualization, the aim is to observe, through videos of scientific divulgation posted on Youtube, examples of the construction of the ethos of two French youtubers positioning themselves as "professional-amateurs". After defining the category of this type of content and its impact on the audience body, the analysis of the corpus will focus on the discursive and social identities of the two protagonists. Crossing the discursive and metalinguistic elements involved in constructing an ethos of reliability specific to scientific rigor (professional), while highlighting the possibility of incomplete knowledge (amateur), will reveal the impact strategies of each of them on the audience. As a result, it will be possible to question the efficiency of these strategies and the possible effects on the subject's body in its relationship with the knowledge it can access on Youtube through scientific divulgation videos.*

Keywords: *Scientific divulgation. Discursive identity. Social identity. Virtualization.*

Introdução

> *"Em seu tablet, a tela continuava em branco, e Marvin demorou a entender que o problema era que a câmera do kentuki estava de frente para uma parede: não conseguia ver nada, pois estava perto demais para focar". Kentukis*, Samantha Schweblin, 2021, p. 26

A promessa de nosso mundo hiperconectado é de que cada um de nós terá acesso a todo o conhecimento humano que possuímos sobre as coisas que nos cercam, para entendê-las melhor e para poder trocá-las, instantaneamente, com qualquer outra pessoa no planeta que tenha acesso à Internet.

Essa imensa janela para o mundo nos dá a sensação de um ângulo amplo que nos permite alcançar uma certa objetividade por meio da diversidade e da quantidade de informações que podemos encontrar sobre um assunto. Mas será que podemos realmente acessar esse ângulo amplo? A partir de que ponto podemos considerar que nosso ângulo é amplo o suficiente para termos conhecimento sobre um assunto?

A obra de Samantha Schweblin *Kentukis* (2021) destaca a ilusão de uma visão mais ampla do mundo por meio de pelúcias de animais equipadas com uma câmera e controladas remotamente, conectando dois usuários: um que compra a pelúcia, que será observado, e outro que está conectado à pelúcia e observa o primeiro por meio de seu computador. Como é possível entender o contexto da vida de outra pessoa por meio de uma câmera que não permite que o observador fale e cujo único meio de ação é a mobilidade? Tudo o que ele pode fazer é se movimentar, explorar e interpretar o que lhe é apresentado de acordo com sua própria subjetividade.

No final, a imagem que construímos da realidade da outra pessoa acaba sendo bastante limitada, exigindo que desenvolvamos técnicas (especialmente de comunicação) e estratagemas para obter uma melhor compreensão do contexto. Acreditamos que seria interessante fazer uma referência cruzada deste trabalho com a plataforma do YouTube, que representa um território com conteúdo muito extenso na Internet, incluindo um grande número de canais dedicados à cultura científica.

A característica dos vídeos de divulgação é adaptar conceitos e conhecimentos científicos ou técnicos para torná-los compreensíveis para os não-especialistas. Essa nova mídia de divulgação surgiu em 2005 (Spies 2019, p. 85-97), após o declínio das publicações científicas em blogs on-line (Fausto *apud* Chevry Pébayle 2021, p. 1), mas se intensificou nos últimos quinze anos, com 350 canais culturais e científicos em língua francesa (Hutin, 2018).

Neste texto, daremos especial atenção aos vídeos de *'debunkage'* (neologismo francês formado a partir da palavra inglesa '*debunk'*, que significa 'desiludir', 'desmascarar' e 'ridicularizar'), que visam decifrar alegações consideradas erradas ou imprecisas com base em fatos (Baur, 2021, p. 3).

Primeiro, tentaremos entender como o público é mobilizado quando assiste a vídeos de *debunkage*; em seguida, usando o exemplo de um título de vídeo e de uma ilustração, além disso, analisaremos a estratégia do *ethos* mostrado pelo youtuber Lucas Hauchard como um elemento que desempenha um papel no posicionamento do sujeito espectador em relação ao conteúdo; e, por fim, daremos um exemplo da construção do *ethos* da divulgadora Charlie Danger, por meio de uma análise discursiva de seu vídeo de "resposta" ao vídeo de Lucas Hauchard.

O corpo do público no YouTube: vídeos de *debunkage*

Segundo Chevry Pébayle (2021), os amadores evoluem num contexto em que o debate e a argumentação são possíveis. Eles podem, desse modo, formular uma opinião crítica graças à sua experiência, às suas próprias práticas e às informações que acessam na Internet. A sobrecarga de informação e a abundância de recursos (de caráter e de qualidade muito diferentes) que podem ser encontrados na web hoje – fenômeno também chamado de "*infobésité*" – tornam difícil para o

usuário inexperiente selecionar o que é relevante para ele (Peraya, 2012). Há uma tendência geral de buscar conhecimentos "prontos para uso", condensados e acessíveis.

O consumo de conhecimento se insere em um tipo de mercado, o de formação on-line, mesmo que o youtuber não venda (literalmente) conteúdo de formação. Para ter uma chance de ser assistido em um mercado hipercompetitivo, os editores apresentam seus vídeos usando códigos de publicidade (desde a publicação no YouTube até a promoção em redes sociais). Os youtubers apresentam o conteúdo como um produto de consumo e adotam diversas estratégias promocionais para isso, mas o objetivo é sempre o mesmo: despertar a curiosidade do usuário, oferecendo-lhe um cenário que ele assinará, ou já assinou, antes mesmo de consumir o conteúdo. Em seu livro "O sistema dos objetos", J. Baudrillard fala sobre esse mecanismo em seu capítulo sobre publicidade:

> Não mais se trata de uma lógica e da prova, mas sim de uma lógica da fabula e da adesão. Não acreditamos nela e todavia a mantemos. No fundo a "demonstração" do produto não persuade ninguém: serve para racionalizar a compra que de qualquer maneira precede ou ultrapassa os motivos racionais. (Baudrillard, 1968, p. 175-176)

Nessa lógica de consumo, é necessário, portanto, criar uma reação de adesão no usuário, que pode ser provocada especialmente por um título ou por um cenário que apresente uma contradição no enunciado ou entre o enunciado e sua ilustração. Essa forma de atrair o sujeito, provocando uma dissonância, oferece, imedição no YouTube até a promoção em redes sociais). Os youtubers apresentam o conteúdo como um produto de consumo e adotam diversas estratégias promocionais para isso, mas o objetivo é sempre o mesmo: despertar a curiosidade do usuário, oferecendo-lhe um cenário que ele assinará, ou já assinou, antes mesmo de coatamente, a possibilidade de resolver a contradição acessando o conteúdo (veremos um exemplo disso mais adiante).

Essa estratégia discursiva é amplamente aplicada no YouTube, principalmente, no campo da divulgação científica e, em especial, na prática do "*debunkage*". Esse conteúdo busca apresentar uma maneira diferente de abordar as informações, alegando combater as teorias da conspiração e as *fake news*, uma forma de desenvolver uma espécie de "autodefesa intelectual" (*ibid*). Os títulos desses vídeos, geralmente, são sensacionalistas, com o objetivo de atrair espectadores criando uma sensação de dissonância entre o que eles acham que sabem e o que lhes é apresentado como "a verdade verdadeira".

Esse mecanismo pode ser comparado à "lógica do Papai Noel", desenvolvida por Baudrillard:

> E a velha história do Papai Noel: as crianças não mais se interrogam sobre a sua existência e jamais a relacionam com os brinquedos que recebem como causa e efeito – a crença no Papai Noel é uma fabulação nacionalizante que permite preservar na segunda infância a miraculosa relação de gratificação pelos pais (mais precisamente pela mãe) que caracterizara as relações da primeira infância. [...]
>
> A operação publicitária é da mesma ordem. Nem o discurso retórico, nem mesmo o discurso informativo sobre as virtudes do produto têm efeito decisivo sobre o comprador. O indivíduo é sensível à temática latente de proteção e de gratificação, ao cuidado que "se" tem de solicitá-lo e persuadi-lo, ao signo, ilegível à consciência, de em alguma parte existir alguma instância [...] que aceita informá-lo sobre seus próprios desejos, preveni-los e racionalizá-los a seus próprios olhos. (Baudrillard, 1968, p. 176)

Propomos a hipótese de que o espectador está ciente da ampla difusão de desinformação e de *fake news* – como resultado, não questiona os problemas denunciados pela mídia – e é sensível

a indivíduos que tomam o cuidado de notificá-lo de que uma informação é falsa. Isso implica que uma longa pesquisa foi realizada, exigindo uma série de habilidades e conhecimentos – que o espectador não é necessariamente capaz de mobilizar – e, portanto, ele se sente extremamente grato por alguém ter "tomado o cuidado" de fazer esse trabalho por ele. A gratificação é tanta que o espectador não questiona esse trabalho, pois, isso significaria que ele também teria de fazer um trabalho semelhante para demonstrar que a análise proposta estava errada. Portanto, ele acabaria aceitando a "fábula" que lhe é oferecida e até mesmo sairia satisfeito por ter conseguido adquirir conhecimento apresentado como "crítico", representando a verdade "real". A "proteção" (*ibid*) da "autodefesa intelectual" (Baur, 2021, p. 3) representada pelos vídeos de *debunkage* poderia, assim, também levar ao que Baudrillard (1968, p. 176) chama de "lógica da crença e da regressão".

Poderíamos falar de "crença", pois o indivíduo aceitaria a "fábula" apresentada como um elemento de análise que fornece a verdade e de "regressão" porque, ao invés de desenvolver o espírito crítico do sujeito e envolvê-lo no processo de pesquisa, ele permaneceria passivo.

Por meio do trabalho de Baudrillard, vemos um usuário passivo/ausente, que vê o conteúdo do *debunkage* (a prática de divulgar a ciência) como um serviço prestado a ele, respondendo a uma necessidade de mediação entre a comunidade técnico-científica e as informações transmitidas pela mídia "tradicional" – um ponto ecoado por Adenot (2016, p. 1), que considera que "Os amadores não necessariamente substituem o especialista em si, mas parecem ocupar o espaço deixado vago entre o leigo e o especialista" (Tradução nossa, texto original em nota de rodapé).

No entanto, será que o usuário é totalmente ausente e passivo?

Vamos considerar o YouTube como um território delimitado em que cada usuário possui uma parcela de terra a partir do momento em que cria uma conta. Alguns usuários exploram essa conta produzindo vídeos que disponibilizam para outros usuários, gratuitamente, e nesse caso, sua conta é chamada de "canal". Os autores não são pagos pelos consumidores, mas pelo proprietário da plataforma, que paga aos usuários produtivos de acordo com o número de visitantes em seu canal. Desse modo, não existe uma relação comercial direta entre o produtor e o consumidor, embora a remuneração do produtor dependa do consumidor.

A maioria dos visitantes são consumidores, não produzem conteúdo audiovisual, mas participam da atividade da plataforma navegando no site, assistindo a vídeos e expressando seu interesse (ou desinteresse), por meio de "curtidas" e/ou comentários ou, ainda, "seguindo" o canal de um usuário. Dessa maneira, essa maioria exerce outra forma de presença nesse território e tem um certo poder de decisão sobre o conteúdo que decide assistir ou não: caso contrário, todos os usuários teriam um histórico de visualização semelhante.

Ela também tem um poder de visibilidade significativo para os usuários que têm um canal, pois sua classificação no catálogo do território "YouTube" depende do número de visualizações de seus vídeos e do número de assinantes - espectadores regulares - que eles têm.

Portanto, podemos distinguir dois tipos de exercício de poder, o do usuário-consumidor e o do usuário-produtor. Desse modo, existe um jogo de influência mútua real (no qual os corpos dos dois sujeitos são ativos), que é necessário para a sobrevivência do território: «Esse romanesco não é artificial, pois se funda no interesse recíproco que as duas partes têm em preservar essa relação» (Baudrillard, 1968, p. 176).

Nesse ponto, podemos considerar que, mesmo que o espaço virtual representado pela plataforma do YouTube se baseie na presença de um sujeito-espectador "ativo", quando analisamos determinados tipos de conteúdo – nesse caso, o *debunkage* científico – descobrimos que sua posição é mais passiva. Podemos então nos perguntar se o corpo do sujeito-espectador pode ser mais mobilizado nessa esfera virtual e, em caso afirmativo, como o divulgador científico pode influenciá-lo?

Em seguida, analisaremos a construção do *ethos* dele, partindo da concepção aristotélica desse conceito, que diz respeito à credibilidade, à confiança e à reputação do orador como garantia de competência e de integridade para o ouvinte. Nossa estrutura de análise seguirá o pensamento

de Maingueneau, explorando as estratégias discursivas implementadas pelos youtubers pró-am para se posicionarem no discurso, analisando tanto o *ethos* declarado - elementos explícitos do discurso por meio dos quais o enunciador constrói seu *ethos* - quanto o *ethos* mostrado - elementos implícitos do discurso que contribuem para moldar a percepção do público sobre o enunciador - (Maingueneau, 2022).

Analisaremos um vídeo de uma youtuber francesa, Charlie Danger, que tentou responder a outro vídeo de *debunkage* científico sobre as pirâmides do Egito, feito por um youtuber não especialista. O objetivo é tentar entender como um youtuber com o *ethos* de um "especialista" em divulgação científica tenta interferir na desinformação e "restaurar" a verdade científica para um público com perfil heterogêneo. Para isso, analisaremos a identidade discursiva do enunciador, observando as marcas de pessoa no discurso (presença e ausência do sujeito) e seu uso de argumentos de autoridade.

O vídeo de Charlie Danger, que será objeto de nossa análise, foi publicado após a difusão de um vídeo de outro youtuber francês, Lucas Hauchard (criador do canal SQUEEZIE) – que não faz parte do campo da divulgação científica, mas do entretenimento em geral – cujo objetivo é questionar um grande número de hipóteses e de pesquisas em arqueologia e, mais particularmente, em egiptologia.

Primeiramente, contextualizaremos o vídeo que serviu de base para Charlie Danger, analisando seu título e ilustração para identificar, à luz dos elementos apresentados acima, como o *ethos* do youtuber pode ser interpretado pelo público, a fim de entender melhor sua abordagem por meio do vídeo "Resposta".

Identidade social e discursiva do youtuber Lucas Hauchard: análise do título e da ilustração do vídeo "CES THÉORIES VOUS FERONT TRANSPIRER"

Figura 1: Ilustração do video do Lucas



Fonte: La révélation des pyramides. Disponível em: <http://archive.org/details/la-revelation-des-pyramides-hd>. Acesso em: 15 set. 2023.

Intitulado "CES THÉORIES VOUS FERONT TRANSPIRER" e publicado em 2019, o vídeo do Youtuber francês (17,9 milhões de seguidores na época de sua publicação) faz parte do tema de debunkage de teorias científicas.

Em primeiro lugar, o título chama a atenção, uma vez que causa uma dissonância no leitor: a ação de suar (uma reação física e corporal) não é uma ação que pode ser controlada por seres humanos e não é, geralmente, associada ao pensamento científico, indicado, aqui, pelo uso da palavra "teorias". O uso desse termo se refere mais à ginástica mental do que à física, mas a combinação desses dois termos implica que essas teorias são tão extraordinárias que o corpo do espectador é diretamente afetado e começa a suar. Portanto, o virtual provocaria uma reação no mundo real.

Também vale a pena observar que o uso de uma frase afirmativa não deixa espaço para dúvidas ou questionamentos: o autor está dizendo a verdade ao leitor, apoiado por uma imagem ilustrativa que mostra o rosto do animador do canal com a boca aberta de forma exagerada e grandes gotas de suor desenhadas em suas têmporas. O uso de seu próprio rosto (ainda que distorcido) destaca sua própria surpresa e integra o corpo do locutor à narrativa, dando-lhe mais força.

Por outro lado, notamos que o uso da segunda pessoa do plural "*vous*" tem uma propriedade excludente: o orador se exclui da cena discursiva, criando uma distância com o público, reforçando, assim, um *ethos* de especialista. No entanto, a imagem reflete um *ethos* diferente, pois o orador

encena seu próprio corpo, experimentando a reação que ele descreve no título, o que, dessa vez, o posiciona ao lado do não especialista e cria um vínculo de identificação com o público.

Por fim, podemos destacar também a mobilização da memória discursiva do público-alvo por meio do uso do termo "teoria", que pode ser facilmente assimilado por um discurso científico e cuja compreensão pode ser refinada ao se observar a imagem com a representação de uma pirâmide envolta por feixes de luz, sobre a qual está desenhado um olho, aludindo ao "olho da Providência". O olho colocado dentro de um triângulo (ou "olho onisciente") é um símbolo, originalmente, usado para representar a proteção de Deus em várias civilizações (principalmente, a civilização egípcia) e religiões. Ele também está associado à Maçonaria e à conspiração dos Illuminati, como símbolo do conhecimento e da verdade.

A combinação do título e da imagem tem a intenção de direcionar o público para a ideia de conteúdo que revela verdades que ainda são pouco conhecidas pelo público em geral. Na verdade, o "*vous*" engloba todos os espectadores, posicionando o youtuber como um indivíduo com um conhecimento que pouquíssimas pessoas possuem, de modo que seu *ethos* se torna o de um "hiperespecialista", geralmente, incorporado pelo mundo acadêmico.

Essa análise inicial revela que L.H. apresenta esse vídeo com dois *ethos* distintos, seu posicionamento pode ser interpretado pelo público como o de:

- um não especialista que fez algumas descobertas "surpreendentes" durante sua pesquisa;
- um especialista que tem o dever de revelar seu conhecimento ao público leigo.

Essas duas posições são comunicadas por meio do título e da ilustração e podem ser confusas para o público, porque é difícil saber, apenas com esses dois elementos, qual é o *status* do enunciador.

É por isso que, usando vários trechos do vídeo de «resposta» de Charlie Danger, analisaremos como é construída a identidade social e discursiva do youtuber pro-am.

A construção do *ethos* pro-am de Charlie Danger

Charlie Danger possui um canal YouTube francês especializado em história e em arqueologia: *Revues du Monde*. O canal foi criado em 2014 e agora tem 976.000 seguidores. Foram publicados 73 vídeos, cuja duração varia de 5 a 40 minutos, dependendo do formato

Ao prestar atenção na seção "Sobre" do YouTube, lê-se na descrição:

> *Les Revues du Monde* - Programa cultural sobre arqueologia, história, antropologia e descobertas. Eu sou Charlie Danger, produzo, escrevo e apresento este programa. Como divulgadora da história e da arqueologia, decidi, há quatro anos, lançar este canal como uma forma de compartilhar minha paixão. Tentarei oferecer a vocês um trabalho sério e bem documentado sobre assuntos fascinantes e misteriosos. Para entrar em contato comigo: lesrevuesdumonde@gmail.com

Em primeiro lugar, ela se apresenta como uma "divulgadora da história e da arqueologia" que "produz, escreve e apresenta este programa". Ela se apresenta como uma pessoa apaixonada ("partager ma passion") e não faz nenhuma afirmação de autoridade específica, tal como a acadêmica.

Quem quiser saber mais sobre o histórico da Charlie Danger precisa olhar para entrevistas e, assim, descobrirá que foi criada por pais antiquários (*Le Monde*, 2021), eles próprios apaixonados por história e arqueologia, e que ela estudou arqueologia e história da arte (*ibid*). A construção de sua competência não é destacada por meio da obtenção de um diploma específico, o que reforça o *ethos* dela como "amadora".

Ela também especifica que o conteúdo apresentado será "um trabalho sério e documentado", desse modo, informa ao público que o conteúdo publicado não será desprovido de rigor e de referências. Ela usa o verbo "tentar", como se reafirmasse seu *status* de amadora, concedendo a si mesma o direito de cometer erros.

Le Deuff (2007) destacou este mecanismo, que se opõe ao reconhecimento acadêmico através de diplomas ou de avaliação de trabalho por pares: o número de seguidores, que substituiu a autoridade dos pares. De fato, o uso complementar das redes sociais para transmitir e interagir com o público contribui para aumentar a visibilidade, inclusive, entre seus pares. É, portanto, a ocupação de todos estes espaços que permite ao youtuber mostrar-se competente, confiável e legítimo. Ele participa, tanto quanto sua comunidade, da construção de uma popularidade digital.

Também, segundo o estudo de Chevry Pébayle (2021, p. 10), realizado com 4 youtubers prom-am franceses sobre suas práticas, um youtuber que trabalha com divulgação científica deve levar em conta as seguintes habilidades:

> Além das habilidades técnicas de captura de som e de imagem, iluminação, enquadramento, edição, ilustração, design de som, comunicação e gerenciamento de comunidade [...] os youtubers citaram o domínio do conhecimento no domínio divulgado [...] pedagogia [...] empatia [...] habilidades de escrita [...] habilidades informacionais, como pesquisar e cruzar fontes [...] originalidade [...] valores humanos, como seriedade, profissionalismo, questionamento e paixão [...] (CHEVRY PEBAYLE, 2021, p. 10).

Portanto, é uma questão de adquirir um status intermediário – de autodidata – que implica as exigências do trabalho científico, educacional e audiovisual. É o equilíbrio de todas essas habilidades que cria tanto um efeito de proximidade com o público, quanto um clima de benevolência, especialmente, por meio do uso do registro da linguagem utilizada. Essa estratégia também foi destacada por Adenot:

> As várias encenações ajudam a criar um *ethos* pró-amador específico, usando especificamente a proximidade com o público, e permitem tanto a identificação do internauta [...] como também a abolição – pelo menos na forma – da hierarquia dos detentores do conhecimento e, portanto, da hierarquia do prestígio (ADENOT, 2016, p. 6).

Essa aparente ausência de uma "hierarquia de prestígio" tenta reduzir a distância entre o espectador e o enunciador, principalmente, ao alternar o uso de linguagem informal e técnica. Veremos como essa postura intermediária se configura em vários momentos importantes do vídeo.

"Réponse à Squeezie : à propos des pyramides..." : alguns elementos discursivos

Figura 2: Ilustração do vídeo de Charlie



Fonte: Réponse à Squeezie - À propos des pyramides... 2019. (Les Revues du Monde). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mL-6oJC2tcg

Propomos analisar esse vídeo começando por observar, como no vídeo anterior, que mensagem a divulgadora está tentando transmitir por meio do título e da ilustração. Ela usa a mesma ilustração que a do canal Squeezie e acrescenta seu próprio retrato, posicionado entre o rosto de L.H. e a pirâmide.

Ela parece interferir entre os dois, como se fosse uma mediadora entre o conteúdo do youtuber e o tema científico do vídeo: a egiptologia.

Além disso, os feixes de luz que foram inicialmente posicionados ao redor da pirâmide foram realocados ao redor do retrato de C.D. Como o olho da Providência, a verdade parece emanar dela.

Por fim, o título do vídeo a posiciona como uma pessoa legítima para comentar os fatos expostos pelo youtuber no vídeo inicial, que ela visa diretamente: Resposta a Squeezie. A segunda parte sugere que ela se concentrará nas informações que foram fornecidas, em grande parte acentuadas pelas reticências, que conferem certa gravidade, até mesmo uma tensão, permitindo que o leitor deduza o tom do vídeo "sobre as pirâmides...". O vídeo também não usa termos «técnicos» ou científicos, o que Charaudeau considera uma das marcas da divulgação científica:

> A divulgação é a atividade da linguagem que busca precisamente evitar o hermetismo dos socioletos (enquanto usa, aqui e ali, algumas palavras mágicas para tentar produzir um efeito de fascinação) (Charaudeau, 1992, p. 107).

O objetivo é envolver o sujeito espectador oferecendo conteúdo acessível e racional, o que contrasta com a abordagem de L.H., que se baseou mais num efeito "sensacionalista". No entanto, notamos que ela também usa uma encenação discursiva, que cria uma dissonância no sujeito, pois ela se apresenta como aquela que vai restabelecer uma verdade que já foi prometida no vídeo anterior.

O usuário pode se perguntar: mas então, quem está falando a verdade? Quem me enganou? Esses elementos iniciais parecem confirmar e legitimar sua posição como divulgadora pró-am, como intermediária e garante da voz científica.

Aqui, concentraremo-nos na construção e no impacto de sua identidade discursiva sobre o espectador e, não, na qualidade dos elementos históricos e científicos apresentados.

Figura 3: Trecho do vídeo de Charlie



Fonte: Réponse à Squeezie - À propos des pyramides... [s.l.: s.n.], 2019. (Les Revues du Monde). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mL-6oJC2tcg

Em primeiro lugar, observamos que ela se propõe a expor seus argumentos de forma metódica, exibindo um resumo temático baseado na estrutura de seu vídeo.

Essa encenação (mostrada na imagem) pode ser percebida como um elemento acadêmico-escolar, reforçando, novamente, a natureza "profissional" e séria de seu conteúdo. Por outro lado, é interessante ver que ela não destaca a apresentação dessa cenografia dessa forma:

> Vou deixar alguns indicadores de tempo bem aqui, para que vocês saibam aproximadamente onde cada elemento do vídeo está localizado. Se não quiser assistir ao vídeo inteiro, vocês podem ir direto ao ponto que lhes interessa. (Les Revues du Monde, 2019, 4'04'').[1]

1 Citação original: Je vous laisse éventuellement des timecodes juste ici, juste pour que vous sachiez à peu près

A apresentação de indícios temporais não é enfatizada como uma estrutura para o raciocínio, mas como um meio para que o usuário selecione as passagens que possam lhe interessar mais, convidando-o, se assim desejar, a não assistir ao vídeo na íntegra. Não temos como saber se a maioria dos espectadores assistiram ao vídeo inteiro ou a apenas algumas partes (e, em caso afirmativo, quais partes?). Isso implica que, como uma divulgadora experiente, ela sabe que o conteúdo pode não ser consumido em sua totalidade por vários motivos - que não são explicados aqui - e tenta, desde o início do vídeo, "manter o público", antecipando seu comportamento. Essa precaução explícita reafirma seu desejo de não estabelecer "uma hierarquia de detentores de conhecimento" (Adenot, 2016, p. 6), tanto entre o público e ela, quanto entre o próprio público.

Podemos levantar a hipótese de que, no contexto desse vídeo, em particular, C.D certamente atrairá o público do canal de L.H., que talvez não a conheça ou não tenha nenhum interesse especial no tipo de conteúdo que ela oferece. Se esse público não esteja preparado para assistir a todo o argumento científico que ela deseja apresentar, talvez o esteja para a conclusão, cujo título implica um julgamento negativo do vídeo publicado no canal Squeezie.

De fato, a primeira parte do título (Resposta a Squeezie) não se dirige apenas ao youtuber, mas também a toda a sua comunidade – que está interessada no conteúdo de L.H. e em qualquer outra coisa que possa lhe dizer respeito –, cujo afeto é então mobilizado. Portanto, ela tem como alvo um público muito mais amplo do que aqueles interessados em divulgação científica.

Além disso, o público pode estar mais interessado no argumento científico e no "restabelecimento da verdade" indicados na segunda parte do título (sobre as pirâmides...) do que em seu argumento sobre a posição "problemática"[2] do youtuber em relação à ciência.

Ao mobilizar o afeto do público (afeto pelo youtuber L.H ou pela restauração da verdade científica), ela demonstra ter uma *expertise* específica do meio da divulgação científica pro-am no YouTube, ao tentar criar um sentimento amplo de identificação com o público. Logo, nos primeiros segundos do vídeo, a youtuber apresenta sua própria interpretação da ilustração e do título do vídeo de L.H.:

> Há alguns dias, Squeezie lançou um vídeo chamado, "Essas teorias farão você suar", em letra maiúscula, como parte de sua série sobre teorias estranhas e malucas, então ele tem isso em seu canal. (Les Revues du Monde, 2019, 26'')[3]

Depois de ler o título, escrito em letras maiúsculas, ela chama atenção para ele em tom irônico. Em seguida, ela menciona que esse vídeo "faz parte de sua série", o que implica que ela está familiarizada com o tipo de conteúdo que L.H. apresenta e sabe que ele já tem experiência com o que ela chama de "teorias um pouco malucas e bizarras". Ela reconhece sua experiência com esse tema específico – e ela não a questiona –, mas ela se opõe ao conteúdo de seu vídeo:

> Squeezie parecia realmente empolgado com essa teoria da conspiração durante todo o vídeo, e seu tom claramente não era de zombaria. Ao contrário dos vídeos que ele fez sobre teorias malucas. (*ibid.*, 16'11'')[4]

> Tenho a impressão de que esse vídeo é diferente dos outros vídeos de teoria da conspiração em seu canal, pois não trata da teoria da conspiração como tal, mas como algo possível. (*ibid.*, 16'45'')[5]

---

où se situe chaque élément de la vidéo. Histoire que, si vous avez pas envie de vous taper l'entièreté de ma vidéo, vous pouvez aller directement au point qui vous intéresse.

2 Usamos o termo de Charlie Danger para descrever o vídeo de Lucas Hauchard.

3 Citação original: Il y a de cela quelques jours, Squeezie a sorti une vidéo qui s'intitule... Ces théories vous feront transpirer... Majuscule... qui rentre dans le cadre de sa série sur les théories un petit peu loufoques et bizarres, et donc il a ça sur sa chaîne.

4 Citação original: Squeezie a eu l'air sincèrement emballé par cette théorie du complot tout au long de sa vidéo et le ton il était clairement pas moqueur hein. Contrairement aux vidéos qu'il a pu faire sur des théories loufoques.

5 Citação original: J'ai un peu le sentiment que cette vidéo est différente des autres vidéos de théorie du complot sur sa chaîne dans le sens où elle aborde pas cette théorie du complot comme telle, mais comme quelque chose

Ela então se concentra na distinção entre teorias "malucas", "bizarras" e "conspiratórias", sendo essas últimas, tema do vídeo em foco, definidas como "uma forma de crença" (Les Revues du Monde, 2019, 18'23''). Ela destaca o fato de que os argumentos revelados por L.H seriam desprovidos de informações racionais.

Em seguida, ela levanta vários problemas no contexto da divulgação de conteúdo de *debunkage*:

1. Os dados apresentados para questionar o conhecimento atual sobre as pirâmides do Egito são baseados em uma única fonte, que não foi citada[6] :

> Só que o que não é mencionado nesse vídeo é que Squeezie encontrou essa informação em um documentário chamado A Revelação das Pirâmides (*ibid.*, 1'00'').[7]

Proporcionar o acesso a uma única fonte fornece ao espectador uma perspectiva limitada à fonte original e à leitura feita dela pelo intermediário. Nesse caso, no entanto, como a fonte não foi citada, só podemos acessar a interpretação feita pelo intermediário, o que dificulta a verificação e o cruzamento de fontes.

2. A reprodução de argumentos se assemelha à paráfrase ou ao plágio:

> Tentarei responder às questões levantadas por ele neste vídeo, que é, de fato, uma transcrição quase palavra por palavra do filme (*ibid.*, 3'12'').[8]

Ao mencionar esse argumento, C.D. marca ainda mais sua posição em relação a L.H. Ele comete, no entanto, uma falha epistemológica que pode ser interpretada como um lembrete de sua condição de "não especialista", de quem não domina os códigos da metodologia científica. Dessa forma, o sujeito é separado do conhecimento que está apresentando - os dados não vêm de suas pesquisas e de conclusões pessoais - e posiciona seu conteúdo mais como um erro devido à ignorância do que como um desejo genuíno de enganar. Isso reorienta seus comentários sobre a fonte e atenua seu comentário sobre a reprodução de argumentos, de modo que ele tem uma função dupla: tanto um "efeito de autoridade" (Berruecos, 2009) quanto uma capacidade de "empatia", descrita por Chevry Pebayle (2021, p. 10) como um dos critérios para a construção de um *ethos* pro-am.

3. A fonte não é confiável:

> Não há realmente nenhuma ciência por trás das informações fornecidas nesse filme. Não se trata nem mesmo de informações reais, mas de *fake news*. (*ibid.*, 18'16'')[9]

> Mais uma vez, tudo se resume à manipulação (*ibid.*, 18'48'').[10]

> A culpa é dos diretores do filme e, *fun fact*, Jacques Grimault, quem produziu o documentário, aquele que se apresenta como o informante pseudo-secreto do filme, ora, ele está na mira da Miviludes[11]. E ele é fortemente suspeito de envolvimento com seitas. (*ibid.*, 22'48'').[12]

---

de possible.

6 Já na introdução do vídeo, a youtuber afirma que conhece esse filme, já que é comum que as pessoas o mencionem para ela.

7 Citação original: Sauf que ce qui n'est pas mentionné dans cette vidéo, c'est que Squeezie a trouvé ces informations dans un docu-fiction qui s'appelle La révélation des pyramides.

8 Citação original: Je vais essayer de répondre aux points qu'il soulève dans cette vidéo qui sont en fait une restitution finalement presque mot pour mot du film.

9 Citação original: Il y a vraiment zéro science derrière les informations qui sont données dans ce film. C'est même pas de vraies informations, ce sont des fake news.

10 Citação original: Encore une fois tout ça c'est vraiment dans l'optique de manipuler.

11 Missão Interministerial de Vigilância e Combate às Seitas.

12 Citação original: C'est la faute des réalisateurs du film, et pour le fun fact, Jacques Grimault qui à l'origine du documentaire hein, celui qui se fait passer pour le pseudo informateur secret du film, eh ben il est dans le

Nesses trechos, a culpa é atribuída aos diretores do filme, responsáveis pela disseminação desse conhecimento, que ela descreve como "*fake news*", cuja intenção é "manipular". Ela sustenta seu ponto de vista apontando que um dos diretores dos filmes é "suspeito de envolvimento com seitas", o que reforçaria sua caracterização dos argumentos apresentados como "teorias da conspiração". Essa posição, formulada em frases declarativas e como fatos comprovados, coloca-a no papel de "porta-voz da comunidade científica" (Berruecos, 2009, p. 151), que procura demonstrar que suas acusações são legítimas, criando, assim, um sentimento de adesão ainda mais forte no espectador.

Ao excluir L.H. do discurso científico, ela não interfere mais na relação clássica da divulgação ciencifica (*ibid.*) – entre cientista, divulgador e público – acrescentando um mediador, e ela reafirma sua identidade social.

Além dos argumentos usados para apresentar seu ponto de vista como profissional-amadora, observamos, de acordo com a metodologia de Berruecos:

> A presença de marcadores pessoais no discurso, a elisão do sujeito, o uso e o valor da primeira pessoa do plural, um *nós* exclusivo ou um *nós* inclusivo, como um gancho para integrar o sujeito destinatário no discurso.[13] (Berruecos, 2009, p. 148).

Também observamos, em nosso caso, o uso do pronome pessoal indefinido de terceira pessoa do singular "on"[14] (muito usado por C.D.); a primeira pessoa do singular "je"; e outros elementos linguísticos que nos permitem situá-la ou situar "o outro" no discurso.

Esses elementos nos permitirão entender como o status de youtuber pro-am é convocado para a cena discursiva e com que finalidade. Qual é o impacto que a alternância desses marcadores tem sobre o espectador?

Propomos comentar alguns exemplos, comparando quatro tipos de convocação no discurso:

Vermelho: C.D como um indivíduo (intenção pessoal)

Laranja: C.D como porta-voz do mundo científico

Verde: exclusão de C.D do discurso

Azul: C.D incluído entre os não-cientistas

> **1/** **On** a les archives, **on** a des documents et des sources historiographiques qui **nous** permettent, même sans l'avoir vu de **nos** yeux ou reproduit le bâtiment, de savoir précisément comment est-ce qu'il a été construit. (Les Revues du Monde, 2019, 5'34'')[15]
>
> **2/** Ouais là c'est sûr que tout de suite ça sonne un petit peu moins extraordinaire hein, mais c'est un très bon exemple justement parce que ça **nous** montre comment est-ce que la simple méthode narrative peut rendre une information basique très sensationnelle ici. (*ibid.*, 7'29'')[16]
>
> **3/** Alors quand **on** **vous** rabâche en période de troubles politiques, **faites** attention, **on** peut faire dire n'importe quoi aux chiffres. Alors **voyez**, là, **vous** en avez un exemple concret. (*ibid.*, 8'03'')[17]

collimateur du Miviludes. Et il est très fortement soupçonné de dérives sectaires.

13 Citação original: La présence des marques de la personne dans le discours, l'élision du sujet, l'utilisation et la valeur de la première personne du pluriel : un nous exclusif ou un nous inclusif, comme un crochet pour intégrer le sujet destinataire à l'intérieur du discours.

14 O "on "é frequentemente utilizado em francês, em um registro informal, no lugar de «nous".
"Ele sempre ocupa a função sintática de sujeito, às vezes é comutável com um pronome pessoal, às vezes com um pronome indefinido, pode se referir a um referente no singular ou no plural e pode ou não incluir o enunciador. Sua referência pode ser genérica ou específica, mas, seja qual for, ela é inteiramente determinada pelo contexto em que o pronome aparece." (Hamelin, 2018, p. 12006).

15 1/ Temos arquivos, temos documentos e fontes historiográficas que nos permitem, mesmo sem ter visto com nossos próprios olhos ou sem ter reproduzido o edifício, saber exatamente como ele foi construído.

16 2/ Sim, parece um pouco menos extraordinário logo de cara, mas é um exemplo muito bom, justamente, porque nos mostra como um método narrativo pode tornar informações básicas muito sensacionais aqui.

17 3/ Portanto, quando vocês estiverem sendo perseguidos em tempos de tensão política, tomem cuidado, pois os

> **4/** Après le reste, c'est plus de la théorie du complot et pour le coup là **je** suis pas qualifiée pour **vous** en parler hein, puisque ça relève de la croyance donc **je** peux pas y répondre factuellement et **je** ne suis pas là pour changer **vos** croyances. (*ibid.*, 15'18'')[18]

O trabalho de Berruecos (*ibid*) nos permite distinguir o uso do *on* do uso de *nous* nos trechos **1/** e **2/**, que constroem o argumento científico:

> Observamos que certos elementos discursivos permitem medir a inclusão ou a exclusão do divulgador em dois mundos definidos: o mundo esotérico dos cientistas e o das pessoas comuns, de acordo com uma caracterização de atitudes ou por meio de um esquema narrativo em que o nós é o beneficiário ou a vítima da realidade, da fantasia ou da ciência.[19] (Berruecos, 2009, p. 148)

O *on* permite que o divulgador apareça na cena discursiva da argumentação científica. Ele tem um valor inclusivo do ponto de vista do enunciador, que fica ao lado da ciência ao citar o que ela tem como fonte de conhecimento (arquivos, documentos e fontes historiográficas) a serviço do nós, que identifica o público-alvo e o divulgador (nós nos permitimos; nós nos mostramos...) como beneficiários. C.D. se posiciona como membro do "mundo científico" e reconhece que também é beneficiária dele. Como um pro-am, o sujeito transita entre dois "mundos".

No extrato **3/**, o *on* também se refere a um argumento de autoridade que inclui o divulgador, claramente oposto ao *vous,* que se refere ao público leigo, que enfatiza a importância da mensagem da ciência diante do problema das *fake news*. C.D. se junta à ciência como transmissora dessa mensagem.

Por fim, no trecho **4/**, o uso da primeira pessoa do singular, *je*, tem dois efeitos distintos: por um lado, destaca C.D. do mundo da ciência, já que ela está falando em seu próprio nome para salientar que o objetivo de sua contribuição não é "mudar suas crenças" (uma intenção pessoal que pertence somente a ela); por outro lado, ela menciona que suas habilidades não lhe permitem responder a argumentos baseados em crenças, e nesse sentido, ela contrasta ciência e crença, posicionando-se ao lado dos cientistas.

O trecho **5/** nos diz mais sobre a construção da identidade social da ciência:

> **5/** En gros, **j'**aimerais bien qu'**on** arrête de *shamer* les chercheurs parce que sans **eux** ben la science et la compréhension de notre monde, ça avance pas ! [...] C'est relou de sous-entendre que la science refuse ce genre d'hypothèse. Si **on** leur donne moins de crédit, c'est simplement parce que bah factuellement ce sont les moins crédibles. C'est pas parce qu'**on** fait partie d'un complot mondial et qu'**on** cherche à le cacher. En sciences, **on** se focalise toujours sur l'hypothèse la plus crédible en premier, la plus parcimonieuse, c'est le principe du rasoir d'Ockham. (Les Revues du Monde, 2019, 21'03'')[20]

---

números podem ser usados para dizer qualquer coisa. Portanto, aqui vocês têm um exemplo concreto.

18 4/ Depois disso, é mais uma teoria da conspiração, e não estou qualificada para falar com vocês sobre isso, porque é uma questão de crença, portanto não posso lhes dar uma resposta factual e não estou aqui para mudar suas crenças.

19 Citação original: Nous avons observé que certains éléments discursifs permettent de mesurer l'inclusion ou l'exclusion du vulgarisateur dans deux mondes définis : le monde ésotérique des scientifiques et celui du commun des mortels, en fonction d'une caractérisation des attitudes ou à travers un schéma narratif où le nous est le bénéficiaire ou la victime de la réalité, de la fantaisie ou de la science.

20 5/ Basicamente, eu gostaria que as pessoas parassem de envergonhar os pesquisadores porque, sem eles, ora, a ciência e nossa compreensão do mundo não avançarão em nada! [...] É ruim insinuar que a ciência rejeita esse tipo de hipótese. Se damos menos crédito a elas, é simplesmente porque, de fato, elas são as menos confiáveis. Não é porque fazemos parte de uma conspiração global e estamos tentando esconder isso. Na ciência, sempre nos concentramos primeiro na hipótese mais confiável, a mais parcimoniosa, é o princípio da navalha de Ockham.

Nesse exemplo, há dois referentes distintos: o primeiro é exclusivo, pois se refere às pessoas que criticam os pesquisadores, entre as quais C.D. não está; o segundo inclui a divulgadora, que se coloca como guardiã de uma ciência justa baseada em hipóteses confiáveis, negando, assim, qualquer interesse em hipóteses irracionais "malucas", comparando-as a teorias da conspiração. A ideia por trás desse trecho é restaurar a imagem da ciência – em particular, explicando os princípios de integridade e de reprodutibilidade –, que foi prejudicada pela disseminação de *fake news*, na medida em que foi retratada como se recusasse a contar tudo, como se deliberadamente ocultasse informações.

Também observamos o uso de uma referência filosófica: o princípio da *navalha de Ockham* - que não é explicado - que fecha seu raciocínio e reativa sua identidade científica.

Depois de examinarmos as maneiras pelas quais C.D. afirma sua identidade como cientista, analisaremos agora dois trechos que nos lembram de sua condição de amadora:

> **6/** D'ailleurs pour revenir un petit peu sur le mot Théorie, et ben **je** suis un petit peu gênée parce qu'en fait il y a une grosse confusion entre le mot Théorie et le mot Hypothèse, **je** suis pas du tout en train de chipoter hein, ça a vraiment son importance. Une théorie **est** un système scientifique formé d'hypothèses, de connaissances vérifiées et de règles logiques. **C'est** un processus qui rentre dans le cadre de la démarche scientifique. [...] **Je** sais que c'est pas un truc qui est connu de tous et **j'en** suis la preuve vivante hein, puisque à l'époque, si **vous** *vous* souvenez, **j'**avais une émission qui s'appelait « Les théories du monde » et d'ailleurs que **j'**ai justement un petit peu arrêté parce que **je** me suis rendue compte que **c'était** un abus de langage et qu'en fait **je** parlais d'hypothèses un peu loufoques pour les de*bunk*er, mais que **c'était** pas du tout des théories et donc maintenant **je** me sens plus vraiment à l'aise avec ce format d'émission là donc comme quoi l'erreur est humaine. (*ibid.*, 17'58'')[21]

> **7/** En vrai, **je** comprends ce docu-fiction, il est super bien foutu dans sa narration. Tout est fait pour qu'**on** prenne **leurs** propos comme **la** vérité et même **moi** la toute première fois où **je** l'ai vu, **j'**étais vraiment surprise par l›efficacité du truc et presque à y croire quoi. En gros, **il** faut vraiment pas blâmer Squeezie hein, **il** s'est fait avoir comme des **millions d'autres personnes**. (*ibid.*, 22'22'')[22]

No exemplo **6/**, o uso de *je* é diferente do feito no exemplo anterior (4/). Enquanto compartilha sua *expertise* sobre a diferença entre uma "teoria" e uma "hipótese", ela confessa que esses dois termos são frequentemente confundidos no senso comum e que ela mesma já cometeu esse erro algumas vezes. Depois de perceber isso, ela decidiu parar de fazer vídeos nesse formato para não perpetuar a confusão. Ela conclui dizendo que "errar é humano". Nesse ponto, ela relembra sua condição de amadora e toma o partido dos "seres humanos", o que atenua o impacto dos argumentos de autoridade anteriores sobre o espectador – tanto para que ele não se sinta

21 6/ Voltando um pouco à palavra Teoria, estou um pouco embaraçada porque há uma grande confusão entre a palavra Teoria e a palavra Hipótese, não estou brincando, é realmente importante. Uma teoria é um sistema científico composto de hipóteses, conhecimento verificado e regras lógicas. É um processo que faz parte da abordagem científica. [...] Sei que não é algo que todo mundo sabe, e sou a prova viva disso, porque antes, se vocês se lembram, eu tinha um programa chamado "Teorias do Mundo", que parei um pouco porque percebi que era um equívoco conceitual e que, na verdade, eu estava falando sobre hipóteses um pouco malucas para desmascará-las, mas que não eram teorias de forma alguma e, por isso, agora não me sinto muito confortável com esse formato de programa, portanto, errar é humano.

22 7/ Na verdade, eu entendo esse documentário-ficção, ele é muito bem feito em sua narração. Tudo é feito para que tomemos as palavras deles como verdade e, mesmo quando o vi pela primeira vez, fiquei realmente surpresa com a eficácia e quase acreditei. Basicamente, não se pode culpar o Squeezie, ele foi enganado como milhões de outras pessoas.

culpado por ter "acreditado" nos argumentos apresentados no vídeo de L.H., quanto para preservar seu vínculo de identificação com o público.

Ela repete um processo semelhante no extrato **7/**, novamente, usando o pronome *je* para expressar sua experiência pessoal, que dessa vez, ela contrapõe não à ciência ou ao público leigo, mas aos disseminadores de *fake news* – nesse caso, os diretores do filme –, cujo esquema narrativo poderia enganar qualquer pessoa, até mesmo um pro-am (está feito para isso; até eu; fiquei surpresa; quase acreditei nisso). Aqui, ela coloca a comunidade científica, os divulgadores e o público leigo em um mesmo "grupo" ("realmente não se pode culpar Squeezie") e, ao fazê-lo, cria uma nova identidade social, que defenderia princípios virtuosos e denunciaria aqueles que disseminam *fake news*.

Finalmente, nos dois últimos trechos, C.D. mobiliza o público para participar da luta contra as *fake news* e da promoção da ciência justa e honesta:

> **8/** [...] mais justement ce qui pourrait être cool c'est que **notre** rôle à **nous**, à **vous** et à **moi**, ce soit de rétablir la vérité auprès de **ce** public parce qu'ils se sont fait berner par ce film. [...] **Je** suis pas du tout en train de prendre **les gens** pour des gros imbéciles hein, mais d'expérience, **je** sais que **la majorité** ne vont pas vérifier les propos **du vidéaste** et vont simplement **le** croire puisque tout **son** argumentatif semble cohérent. (*ibid.*, 19'41'')[23]

> **9/** De **votre** côté, n'hésitez pas à partager cette vidéo en masse, que ce soit à tous **vos** amis qui ont vu documentaire-là et qui **vous** en ont parlé un jour, ou juste pour que ça se sache un petit peu que ce truc-là est complètement faux et que **les gens** arrêtent de se faire avoir bêtement. C'est important à **mon** sens de lutter contre l'obscurantisme, surtout à une époque où toutes les théories foireuses pullulent un petit peu sur Internet. Et donc si **vous** avez envie à **votre** échelle de contribuer un petit peu plus à la science et au savoir, et ben n'hésitez pas à partager ça à **vos** amis, à **vos** potes et à **votre** maman. (*ibid.*, 23'03'')[24]

> **10/** Pour conclure cette vidéo, eh ben **je** **t'**invite Squeezie à **me** contacter **moi** ou plein **d'autres vulgarisateurs** qui se feront un plaisir de **te** répondre si **tu** veux faire une vidéo hyper cool sur pleins d'anecdotes surprenantes sur l'Égypte parce qu'il en existe plein et même dans la science. Et si **tu** veux être vraiment hyper honnête avec **ton** audience, et ben **je** pense que ce serait pas déconnant de publier un petit *erratum*, juste histoire que **ton** audience et ben **elle** soit pas mise en erreur. (*ibid.*, 21:57min)[25]

23 8/ [...] mas o que poderia ser legal é que nosso papel, você e eu, que nós esclarecêssemos as coisas para esse público, porque eles foram enganados por esse filme. [...] Não estou a ridicularizar essas pessoas, mas, por experiência própria, sei que a maioria das pessoas não verificará o que o produtor do vídeo diz e simplesmente acreditará nele porque tudo o que ele diz parece coerente.

24 9/ Da sua parte, não hesite em compartilhar esse vídeo em massa, seja para todos os seus amigos que o viram e conversaram com você sobre ele um dia, seja apenas para divulgar que ele é completamente falso e que as pessoas devem parar de ser estupidamente enganadas. Acho que é importante lutar contra o obscurantismo, especialmente em uma época em que há tantas teorias malucas na Internet. Portanto, se vocês quiserem fazer sua própria contribuição para a ciência e o conhecimento, sintam-se à vontade para compartilhar este vídeo com seus amigos, seus colegas e sua mãe.

25 10/ Para concluir este vídeo, convido o Squeezie a entrar em contato comigo ou com vários outros divulgadores que ficarão felizes em responder às suas perguntas, se você quiser fazer um vídeo muito legal sobre muitas anedotas surpreendentes sobre o Egito, porque existem muitas delas, até mesmo na ciência. E se você quiser ser muito, muito honesto com seu público, acho que não seria uma má ideia publicar uma pequena errata, apenas para que seu público não seja enganado.

A mobilização do público (nosso papel; do seu lado; compartilhe; com todos os seus amigos; se você tiver vontade, no seu nível; seus colegas; sua mãe) tem três objetivos principais: expandir a comunidade de C.D. e aumentar o número de visualizações; afirmar seu status pro-am com outros divulgadores na plataforma e ganhar legitimidade; restabelecer verdades científicas e restaurar a imagem da ciência.

Já discutimos no início deste texto as estratégias para atrair um público para vídeos de *debunkage* e a importância de promover e expandir uma comunidade de seguidores no YouTube, principalmente por meio de pares. Desse modo, vamos nos concentrar no terceiro objetivo.

A mobilização do público no final do vídeo (**8/** e **9/**) provoca um forte impacto de identificação no espectador. Depois de tomar o cuidado de restabelecer a verdade, o divulgador pro-am cria um sentimento de gratificação (Baudrillard, 1968, p.176) nele. Ao explicitar seus objetivos (restabelecer a verdade com esse público; fazer com que se saiba que esse negócio é completamente falso; combater o obscurantismo; contribuir um pouco mais para a ciência e o conhecimento), o sujeito é convidado a deixar de participar parcialmente; ele é responsabilizado e deve "fazer sua parte" para o bem de todos. Seu corpo é mobilizado após ser exposto a valores fortes e ter sido valorizado pelo sujeito enunciador, detentor de uma autoridade legitimada, como um ator capaz de participar dessa missão compartilhando o vídeo.

Por fim, no excerto **10/**, C.D se dirige diretamente a L.H, por meio do pseudônimo de sua personagem, Squeezie, para "consertar seu erro" (publicar um pequeno *erratum*) e para colaborar com youtubers especializados, grupo em que ela se inclui (entre em contato comigo ou com muitos outros divulgadores). Essa mensagem contribui com o objetivo de expandir a comunidade de C.D. (e a de outros divulgadores), mas também serve para conscientizar o público de L.H. de que ele não pode mais reiterar esse tipo de conteúdo, senão pode perder a credibilidade (que já pode ter sido afetada). O afeto e o corpo do espectador são mais uma vez mobilizados, atuando como um forte argumento a favor do youtuber, que pode esperar que suas fontes sejam verificadas e examinadas tanto pela comunidade de divulgadores pro-am, quanto por seus próprios seguidores.

Nesses trechos, espalhados por todo o vídeo, identificamos várias estratégias discursivas que possibilitam garantir: a especialização científica de C.D.; sua empatia com um público heterogêneo; e uma identidade social positiva para a ciência.

A estrutura situacional, em que esse discurso ocorre, é definida pelo uso alternado de argumentos de autoridade e de marcadores empáticos, possibilitando a legitimação de um *ethos* pro-am e a criação de um sentimento de apoio e de identificação por parte do espectador.

Considerações finais

Neste texto, tentamos mostrar, por meio de dois exemplos em francês, como o *ethos* pró-am dos divulgadores científicos é construído na plataforma do YouTube, como parte da prática de *debunkage*.

Essa categoria de conteúdo joga com o sensacionalismo para atrair os espectadores, criando neles uma dissonância (por meio de um título e uma imagem) que eles devem resolver irresistivelmente, projetando seus corpos no conteúdo oferecido, com poucos meios à disposição para julgar a qualidade do que está sendo dito. O entusiasmo e a afeição que o sujeito pode ter desenvolvido pelo youtuber (um senso de comunidade) podem ser prejudiciais à percepção do youtuber de conteúdo incompleto ou não controlado.

Sem conhecimento suficiente sobre um assunto ou sobre a metodologia científica, o espectador pode não se sentir legítimo/capaz de fazer um trabalho semelhante, distanciando-se do conteúdo.

> Com que animal ele tinha caído? [...] Marvin tentou empurrar um dos aspiradores. Eram muito pesados e ele só conseguiu virá-los um pouco. Foi até o vidro, onde tinha estado um instante procurando seu reflexo sem conseguir que a luz estivesse a seu favor (Schweblin, 2021, p. 26).

Esse trecho de *Kentukis* ilustra a sensação de ser incapaz de se afastar em um contexto em que o sujeito é colocado em um território estreito e restrito. A personagem é incapaz de remover os obstáculos de seu caminho e retorna ao local inicial, onde acha que pode perceber seu reflexo, permanecendo em confronto com sua própria subjetividade, única leitura do ambiente ao seu redor.

O youtuber pro-am assume a responsabilidade de apresentar a ciência a um público leigo sem revelar sua ignorância. Para isso, é essencial encontrar um equilíbrio entre o *ethos* do profissional e o *ethos* do amador (Maingueneau, 2022), a fim de garantir sua legitimidade e construir um sentimento de identificação com o espectador, com o objetivo de criar uma comunidade grande e fiel.

Esse equilíbrio é garantido pela heterogeneidade do discurso, que coloca o divulgador ora na posição de porta-voz da ciência e de sua imagem, ora como um indivíduo que também é vítima dos problemas enfrentados por um público leigo, principalmente, com a proliferação de *fake news*. O vídeo de Charlie Danger é apresentado como um vídeo científico e preventivo que, ao final de sua argumentação, mobiliza o espectador como um ator na disseminação do conhecimento.

No entanto, podemos nos perguntar qual é o impacto que esse vídeo pode ter tido sobre o público espectador: entre os sujeitos que difundiram esse conteúdo, o objetivo do compartilhamento foi mais a disseminação do conhecimento sobre egiptologia ou a mensagem de prevenção contra *fake news*? As fontes citadas por C.D. foram consultadas e verificadas ou sua argumentação foi suficiente para criar um sentimento de confiança e de gratificação, de modo que o sujeito reproduziu um comportamento de escuta passiva?

Referências

ADENOT, Pauline. Les pro-am de la vulgarisation scientifique : de la co-construction de l'ethos de l'expert en régime numérique. **Itinéraires**, n. 2015–3, 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/itineraires/3013>. Acesso em: 21 set. 2023.

BAUDRILLARD, Jean. Publicidade. In: O sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva, p. 173-204, 1968.

BAUR, Monica. La lutte contre la désinformation sur YouTube. Communication. **Information médias théories pratiques**, n. 38, v. 2, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/communication/14314#ftn4>. Acesso em: 1 set. 2023.

BERRUECOS, Ma. de Lourdes. La science et ses acteurs : Identités dans la vulgarisation scientifique. In: CHARAUDEAU, Patrick (Ed.). **Identités sociales et discursives du sujet parlant.** Paris: l'Harmattan, 2009, p. 145-166.

Charlie Danger, « youtubeuse histoire » sans peur et sans reproche, 2021. **Le Monde.fr** [en ligne]. Disponível em: https://www.lemonde.fr/campus/article/2021/11/27/charlie-danger-youtubeuse-histoire-sans-peur-et-sans-reproche_6103830_4401467.html Acesso em: 28 ago. 2023.

CHEVRY PÉBAYLE, Emmanuelle. Pratiques informationnelles des youtubeurs scientifiques au service de la médiation du savoir: Youtubeurs scientifiques : activité et pratiques informationnelles. **Communication**, n. 38, v. 2, 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/communication/14808>. Acesso em: 21 set. 2023.

DEUFF, Olivier Le. Culture de l'information et web 2.0 Quelles formations pour les jeunes générations. In : **Doctoriales du GDR TIC & Société**, 2007, Marne-laVallée. Disponível em : https://archivesic.ccsd.cnrs.fr/sic_00140079 Acesso em: 25 set. 2023.

HUTIN, Mathilde. **Les chaînes YouTube culturelles et scientifiques francophones**. Paris, Ministère

de la Culture et de la Communication (DGLFLF), 2018. Disponível em: https://www.culture.gouv.fr/content/download/ 200193/file/350%20chaines%20Youtube.pdf, Acesso em: 12 ago. 2020.

La révélation des pyramides. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <http://archive.org/details/la-revelation-des-pyramides-hd>. Acesso em: 15 set. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. **L'ethos en analyse du discours**. Louvain-la-Neuve (Belgique): Academia, 2022. (Au coeur des textes, n° 41).

PATRY, Richard. CHARAUDEAU, Patrick. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris : Hachette Éducation, 1992. 927 p. Meta: Journal des traducteurs, v. 40, n. 1, 1995, p. 157.

PERAYA, Daniel. Quel impact les technologies ont-elles sur la production et la diffusion des connaissances ? **Questions de communication**, n. 21, 2012, p. 89–106.

Réponse à Squeezie - À propos des pyramides... [s.l.: s.n.], 2019. (Les Revues du Monde). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mL-6oJC2tcg>.

SCHWEBLIN, Samanta. **Kentukis**. Trad. Livia Deorsola. Fósforo Editora. [s.l.: s.n.], 2021.

SQUEEZIE! CES THÉORIES VOUS FERONT TRANSPIRER - YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9eHZ4etOBFU>. Acesso em: 21 set. 2023.

Recebido em 7 e novembro de 2025
Aceito em 6 de janeiro de 2026